

Memória e identidade nas comunidades virtuais

João Martins*

*"Agora você deve me imaginar sentado próximo a uma boa lareira,
na companhia de bons companheiros,*

(...) contando estas alegres histórias que aqui se seguem"

Jacob e Wilhelm Grimm.

Introdução

O objetivo deste texto é analisar a obra de Howard Rheingold (1993) *"The Virtual Community"* como um relato biográfico que tenta estabelecer uma instância de memória coletiva e identidade em relação a uma determinada forma de conceber a assim chamada "sociabilidade digital". Publicado alguns anos antes da popularização da internet, tal livro tornou-se uma das primeiras referências no debate sobre o estabelecimento de laços de sociabilidade a partir de ferramentas digitais, sendo encarado como uma espécie de experiência pioneira na compreensão de detalhes até então precariamente analisados o universo das "novas tecnologias".

Na realidade, Rheingold se propunha a descrever o dia-a-dia de uma comunidade construída a partir de ferramentas de comunicação proporcionadas pela informática. Trata-se de uma apropriação daquilo que alguns personagens da cena política (Gore 1994), e outros, da cena acadêmica que (Negroponte 1995) chamam de supervia de informação. As oportunidades oferecidas por tais ferramentas, em linhas gerais, é de oferecerem a indivíduos localizados em qualquer parte do mundo a oportunidade de, estando conectados a um computador, trocarem todo tipo de informações.

O relato, por si só, já valeria pela quantidade e qualidade de informações, se, somado a isso, não tivesse sido realizado por um dos indivíduos que participou no desenvolvimento de uma comunidade virtual especificamente influente. Rheingold fez parte da WELL (Whole Earth Electronic Link), grupo que chegou a reunir oito mil usuários em 1993, em mais de 134 conferências temáticas, abordando praticamente todo o tipo de questão. Além disso, o grupo estava ligado a outras importantes

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense

associações, como a EFF (Electronic Frontier Foundation), organização de direitos civis relativos às tecnologias digitais que se destacou em uma série de ações em favor de direitos de livre expressão dentro da *web*.

O argumento é que *The Virtual Community* pode ser percebido como um elemento importante na constituição de uma percepção influente sobre a internet. Nos termos de um debate que se debruça especificamente sobre as dinâmicas do lembrar e do esquecer, o livro poderia ser considerado como um "lugar de memória", como conceitua Nora (1994), por ser resultado de determinada vontade que coordena a constituição de uma certa interpretação relativa a este novo tipo de espaço para interação social. Em larga medida, o interesse pelo referencial apontado pelo historiador francês justifica-se por oferecer a possibilidade de considerar a descrição de Rheingold não como um reflexo natural de uma certa realidade, obtido por uma narração supostamente neutra e objetiva; mas sim como uma construção realizada a partir de concepções de sujeitos imbuídos de determinadas visões de mundo definidas a partir do lugar que ocupam em uma dada realidade historicamente constituída.

O desdobramento de tal ponto de vista permite que se perceba como o relato de Rheingold se estabelece a partir de uma tomada de posição ideológica que busca oferecer um determinado enquadramento desta memória (Pollak, 1989). Um ponto digno de nota é a forma pela qual seu texto arbitrariamente apaga uma série de possibilidades sobre a vida digital, na medida em que certos elementos, intrínsecos a qualquer agrupamento humano, simplesmente não aparecem na descrição realizada por Rheingold. A imagem criada pelo autor sobre comunidades mascara o conflito em prol de uma suposta unidade, abstraindo a união de indivíduos por afinidades para afirmar a existência de um espaço livre dos preconceitos e hierarquizações tradicionais da vida cotidiana, sendo ocupado somente por personagens naturalmente imbuídos de um suposto companheirismo e com ações sempre pautadas pelo respeito às divergências.

A comunicação mediada por computador, com seus instrumentos técnicos encarados como propícios à integração humana graças a sua natureza descentralizada, seu grande alcance e a facilidade de acesso a informações proporcionada, seria caracterizada, assim, como um espaço público de discussão e debate. Os contatos surgidos seriam, por definição, fortes, na medida em que o convívio nasceria tão somente do interesse comum e não

por possíveis acidentes de proximidade. Este conjunto de características, que resumem a proposição rheingoldiana, se apresentam como que definidas em um suposto contrato social a-histórico. Logo, o tratamento dado à *web* sugere características estabelecidas como uma forma imutável e a-temporal de organização da sociabilidade, afirmadas pelo apagamento das intenções de sua construção. Tal situação resulta em uma certa estratégia de construção de pontos de vista hegemônicos, muito próximos a noção de “tradição inventada” como descrita por Hobsbawn (1984).

Assim, para demonstrar nosso argumento, este artigo se divide em duas partes. Na primeira discutiremos as questões relacionadas ao estudo da memória, tentando perceber qual a relação que nosso objeto mantém com tal perspectiva teórica. Na segunda nos debruçaremos mais especificamente sobre o texto de Rheingold, buscado identificar em que termos opera sua construção simbólica.

Parte 1

Um ponto central para a discussão é perceber a semelhança que a discussão sobre Rheingold tem quando considerada em relação a uma outra: a de lugares de memória (Nora, 1984). Retomando o debate do historiador francês sobre a relação humana da apreensão do passado a partir de construções realizadas no presente e mediadas sempre por pontos de vista intencionais, percebe-se a importância de se investir em análises sobre o elemento eminentemente fluído e moldável da memória. Assim, torna-se relevante compreender a forma pela qual são projetados, em certas construções humanas de sentido, significados materializados especificamente em suportes materiais, que se caracterizariam como lugares de depósito e absorção destas lembranças.

Nora aponta como termos para sua conceituação destes lugares de memória a necessidade de que sejam ao mesmo tempo suportes materiais, simbólicos e funcionais; sem deixar de levar em conta que, a despeito da materialidade não pode deixar de existir uma aura simbólica; a despeito da aura simbólica não pode deixar de existir um suporte material; e a despeito do caráter funcional não pode deixar de existir uma característica ritual. Para além dessa questão, em cada um dos “lugares”, deve estar presente aquilo que o autor chama de vontade de memória, ou seja, uma intenção e um interesse específico em se produzir e manter um certo tipo de recordação.

Em sua exposição, Nora busca relacionar diversas vezes a discussão sobre lugares de memória com o debate sobre história, remetendos à questão sobre a forma pela qual estas duas instâncias se relacionam. Em seu argumento, aponta ser necessário perceber que, embora ambas pela sua natureza sejam opostas (Nora, 1984:XIX), memória e história vêem-se, todavia, obrigadas a travar um contato eminentemente próximo. Assim, parte de sua atenção está no processo de passagem de memória à história e na forma pela qual a segunda se constitui em relação a primeira, especialmente em “grandes momentos de fixação”, oportunidades chave de referência para a constituição de um certo conhecimento comum compartilhado (Nora, 1984:XXXVIII).

Para além deste primeiro interesse, um segundo ponto surge à discussão; trata-se da consideração sobre a natureza do “acontecimento”. Nora define que sua importância baseia-se na força que pode vir a possuir como momento fundador. Sua natureza diz respeito às rupturas singulares, onde, pelo contraste, se estabelece uma espécie de ponto de origem, a partir do qual delimita-se o início de um momento diverso do anterior, cujos desdobramentos projetam-se para um futuro que, já a princípio, se mostra renovado. Qualquer construção de memória, desta forma, só se torna possível a partir de uma determinada intenção de sujeitos concretos dentro do seu processo de construção de consciência sobre si ou sobre a realidade que os cerca, o que torna indispensável a compreensão das intenções que dizem respeito a cada conjunto de significados específicos relacionados às construções de memória.

Neste sentido, por ser um livro, o texto de Rheingold parece dispor do caráter material indispensável para sua caracterização como lugar de memória. Ao mesmo tempo, sua característica como referência na discussão sobre sociabilidade e a influência que parece exercer no debate, passível de ser medida pela quantidade de citações que a obra recebe em qualquer coletânea de trabalhos sobre o tema (ver Smith & Kollock 1999, Jones 1997; quase todos os trabalhos citam Rheingold) lhe garante o substrato ritual. E por último, a sua capacidade descritiva, ou seja sua capacidade de servir como relato que narra e elucida as características destes ambientes de “novas tecnologias” oferece a possibilidade de ser satisfatoriamente compreendido no que diz respeito a sua especificidade funcional.

Assim, o livro de Rheingold, por ser um texto que solidifica um tipo específico de passagem memória-história no que diz respeito a uma determinada concepção do que seria um tipo específico de sociabilidade, apresenta como questão uma generalização específica baseada na percepção de um modelo de relações sociais que pretende ser válido coletivamente, embora na realidade trate-se de um conjunto de categorias bastante próprias, um produto de uma visão de mundo substancialmente individual e particular ao seu autor. Daí, pode ser possível afirmar que, redigindo um texto que se esforça por apresentar uma certa visão que se diz consensual sobre o que seria a vida em sua comunidade virtual, Rheingold generaliza um conjunto de suposições pessoais sobre o que seria a sociabilidade, de forma muito próxima a estratégia de enquadramento como descrita por Pollak (1989).

Logo, torna-se importante perceber que tal processo de consolidação de versões não se dá de forma “natural”, como uma simples retração instantânea do que seria a realidade, mas sim a partir de certos processos que constroem uma determinada memória permitindo que seja dotada de duração e estabilidade. Se toda configuração de lembranças é resultado da ação de atores que interferem na constituição de tais lembranças, parece ser possível afirmar que a memória coletiva que Rheingold tenta estabelecer sobre uma Internet bucólica e pastoral, quase um subúrbio americano repleto de vizinhos camaradas e amistosos, apresenta a mesma força uniformizadora de concepções como as que se observa em qualquer processo de enquadramento. Assim, torna-se importante definir em que temos de tal construção, levando em conta que se trata do resultado de um processo de disputa entre possibilidades, que resultou em tal concepção hegemônica sobre um tipo de sentimento de pertencimento a tal comunidade.

A proposta de Rheingold aparece assim, na medida em que oferece um ponto de vista, suplantando outras possibilidades de associação entre indivíduos que ocupam as comunidades virtuais. Faz-se desta forma com que o coletivismo do autor surja construindo uma abstração específica dotada de carga simbólica que tenta assumir um caráter tradicional. O que Rheingold tenta afirmar é uma construção quase que a-histórica para a sociabilidade digital, afirmando a existência de uma “forma de ser” intrínseca à uma suposta essência da Internet. O companheirismo de Rheingold aparece como uma característica inerente a própria constituição do ambiente digital, como se todo o tipo de associação através da

tecnologia trouxesse consigo necessariamente tais formas de relacionamento, baseadas na já abordada “camaradagem”.

O esforço de Rheingold, neste sentido, parece muito próximo a construção de “tradições inventadas” (Hobsbawn 1984) através da busca pela afirmação de construções arbitrárias imutáveis, o que apaga a conjuntura de seu surgimento. Tal construção de tradições responde a uma série de demandas, entre elas o oferecimento de legitimidade a um conjunto de práticas, na medida em que a partir de sua “invenção”, podem passar a estar como que ancoradas em um suposto passado, que na verdade tem seus elementos reorganizados em prol de intenções de grupos interessados especificamente na afirmação de sua visão de mundo, para, a partir daí, terem a oportunidade de se legitimarem como “tradições”.

Assim, terminada a conceituação inicial em torno das estratégias de uso da memória em relação a narrativa de Rheingold, é preciso atentar para o fato de que o enquadramento que o autor constrói, a despeito de sua arbitrariedade, só pôde se afirmar satisfatoriamente a partir de justificativas que ofereçam uma determinada autoridade à construção que parece ser sua pretensão elaborar. Desta forma resta balizar em que termos o ponto de vista que Rheingold pretende erguer pode se sustentar em termos aceitáveis. Afinal, como afirma Pollak, é sempre necessário levar em conta a necessidade de justificação sobre o qual repousa a possibilidade de coordenação das condutas humanas (1989:9). Assim, na seção seguinte tentaremos compreender quais os argumentos específicos a partir dos quais Rheingold afirma a validade de sua concepção de memória coletiva para a Web.

Parte II

O tipo de caracterização de Rheingold em relação à comunicação mediada por computador pode ser resumido de forma bastante simples: amplo alcance de serviços e simplicidade de operacionalização do mecanismo, resultando em fluxos de informação de alta qualidade. Tal configuração vem provando ser bastante influente, tendo sido foco de diversos trabalhos acadêmicos sobre novas mídias e a influência de sua lógica sobre antigos modelos de comunicação de massa (Castels 1999, Moraes 1998). Estas investigações, porém, dizem respeito a configuração econômica de um determinado setor, cada dia mais influente, da indústria cultural. O interesse, assim, parece ser abordar a dinâmica de produtores de significado em massa segundo dinâmicas de distribuição e consumo de mercadorias.

Todavia, o interesse de Rheingold, materializado na natureza de sua descrição, é eminentemente baseado em um tipo de ponto de vista que investe sua energia na caracterização de espaços *sociais* opostos a ambientes *econômicos*. Assim, embora uma breve explanação aparente semelhança entre modelo de Rheingold e o modo de produção abordado pela economia política, o que a “*virtual community*” coloca em cena são as relações entre indivíduos e não a apropriação de suas ações por instâncias mercadológicas.

Anteriormente, já fora abordado (Sá 2001) como o ambiente imaginado por Rheingold é o de um universo de companheirismo onde as relações de confiança e colaboração entre pessoas substituem instâncias duras de uma sociedade de indivíduos anônimos, como na dicotomia entre *Gemeinschaft* e *Gesellschaft*. Porém, parece haver mais. A comunicação descentralizada a partir da informática é apontada como podendo burlar as contingências geográficas, reunindo quaisquer pessoas, a despeito da distância envolvida, dentro de comunidades de interesse. Para isso, tais grupos lidam com informações em larga escala de duas formas. Da primeira, servem como um difusor bastante especial, na medida em que burlam a ordem tradicional de comunicação centralizadora no que diz respeito a emissão, oferecendo a indivíduos comuns a oportunidade de operarem não somente no polo da recepção. E, da segunda, agem compreendendo a informação em si como uma espécie de bem comum de toda a comunidade e um tipo de *raison d'être* de todo o grupo: as comunidades virtuais existem para a interligação de indivíduos através da distribuição de informação, fazendo com que tais conteúdos sejam encarados como o próprio combustível que garante a existência do grupo.

Porém, torna-se necessário, para que a comunidade possa subsistir, a informação tenha de circular de maneira eficaz. Se o modelo de Rheingold para garantir tal fluxo remete a sua idealização sobre um suposto companheirismo dos envolvidos neste tipo de sociabilidade digital, o faz de maneira mais específica do que a simples afirmação de que a Internet se trataria de um espaço semelhante ao “lar, doce lar”. O autor oferece, como uma espécie de teoria política primitiva de sua sociedade, a idéia de que ela se organiza através de um tipo de contrato social de reciprocidade, no qual conhecimento e informação, dentro da *Web*, devem ser oferecidos não como um produto onde o que interessa é o cálculo da satisfação de necessidades dos indivíduos de maneira próxima a forma como encarada na circulação de *mercadorias* mediante uma racionalidade

econômica (Schumpeter 1954). Ao contrário, tratam-se de objetos livremente oferecidos, como uma espécie de *dádiva* que reforça os laços de camaradagem dentro de um grupo.

Tal separação entre tipos distintos de relações sociais, como se pode observar em Rheingold, retoma uma dicotomia ideológica criticada por Parry (1986). O autor aponta como tal distinção entre altruísmo e interesse, presente em uma suposta dádiva despretensiosa e uma mercadoria puramente utilitária, seria uma certa perspectiva que tende a representar nossa relação usual com a realidade. Daí, tenta demonstrar em que termos se dá tal tendência a encarar toda relação humana entre pessoas, quando mediada pelo universo de objetos, como que separada entre estas duas instâncias: por um lado a pura construção de laços pessoais e sentimentais através do oferecimento voluntário de objetos cujo valor tende a ser apagado ou ignorado em prol do significado que contém, e do outro a relação absolutamente interessada entre indivíduos racionais com tendência a comerciar visando satisfazer interesses.

Vejamos abaixo, de forma mais detalhada, como esta separação se organiza em "*The Virtual Community*".

Em um certo momento de seu relato, Rheingold narra sua forma pessoal de perceber quais os elementos que nortearam o surgimento de sua comunidade.

The vision (...) involved three goals: to facilitate communications among interesting people in the San Francisco Bay area, to provide sophisticated conferencing at a revolutionary low price, and to bring e-mail to the masses.

Interessante perceber que o "mito de origem" da tribo de Rheingold retome em seus três pontos a idéia da necessidade de ampliação das possibilidades de difusão: mais pessoas interessantes em contato; a partir de serviços acessíveis; com a intenção de difundir a comunicação mediada por computador, num momento em que ter a *e-mails*, como no exemplo citado, não era tarefa das mais simples. Vale lembrar, não se trata de uma construção eternamente hegemônica em relação a tais tecnologias: outras opções já haviam sido apontadas, e a possibilidade de expansão das capacidades intelectuais, durante um bom tempo, foi a principal delas (Bush 1999, Engelbart 1999, Turing 1999, Licklider 1999).

Não satisfeito em afirmar os termos de sua proposta de memória para tal comunidade somente neste trecho tão central, Rheingold retorna diversas vezes a necessidade por instrumentos simples e dinâmicos de interação. Em um bom exemplo, seu argumento é reforçado indicando a necessidade de que tais serviços sejam acessíveis, principalmente em termos financeiros

For only \$3 an hour, people with computers and modems could have access to the kind of online groups that cost five or ten times that much on other public telecommunication systems (...) my daily telecommunicating expenses were less than the price of a couple of drinks or a double capuccino.

Mas todavia, o tema mais recorrente é a necessidade de que tais redes de comunicação sejam de grande dimensão para que alcancem as expectativas nelas depositadas, representadas para Rheingold na possibilidade de formação de comunidades.

The technicalities of CMC are (...) irrelevant to most people who use it (...). The important thing to keep in mind is that the worldwide, interconnected telecommunication network that we use to make telephone calls in Manhattan and Madagascar can also be used to connect computers together at a distance (...)

E, de forma complementar, torna-se importante também que tais redes possam ser operadas de forma simples. Dando seqüência a afirmação interrompida no final do trecho acima: “(...) and you don't have to be an engineer to do it”.

Reunidas tanto as características de amplitude e simplicidade, o resultado deste tipo de sociabilidade digital deve ser uma rede que promova um tipo de experiência semelhante a de uma certa concepção idílica do que seria a vida em ambientes como pequenas aldeias distantes de uma sociedade de massa anônima, caracterizada eminentemente por relações frias e impessoais. O cenário através do qual Rheingold afirma sua construção de memória estaria muito próximo daquilo que o idealismo alemão havia construído como uma visão do que seria “o povo”, analisada por Burke (1999) como uma mistura de comunitarismo, purismo e primivismo.

O primeiro ponto, retomado para nossa questão, diz respeito a intenção de afirmar o valor de uma espécie de criação coletiva, através da insistência de que o ethos construído em tal grupo pode ser tratado unicamente como consequência de uma inventividade de caráter tal que acontece somente mediante a união de toda a comunidade. O segundo ponto aborda como demandas que possivelmente poderiam surgir da aglomeração de tantas vontades diferentes dentro de comunidades virtuais tendem a ser resumidas a partir de uma única perspectiva uniforme, definida nos termos de Rheingold. Já o terceiro ponto diz respeito às características quase que a-históricas de sua comunidade, resultando em um estado de coisas determinado em um momento fundador distante e que permanece inalterável, na medida em que um certo espírito característico permanece sempre o mesmo.

Os termos deste espírito único e imemorial, que se aproxima da idéia de uma tradição sobre a Web, podem ser definidos a partir da coordenação de vontades imbuídas tanto de uma característica aventureira quanto de um espírito de companheirismo. O argumento para justificar a exploração do ambiente digital é o de uma curiosidade desbravadora em busca de novos espaços ainda não descobertos, de experiências e de conhecimentos ainda por serem explorados. Desta forma, são recorrentes as comparações entre o ambiente da comunidade de Rheingold e uma terra ainda não completamente desbravada. Já em outras ocasiões, o vínculo que o autor busca estabelecer é com um local de convívio como por exemplo um café ou um salão burguês, sempre encarados como um fórum de debates.

Over a period of months, I fell into the habit of spending an hour or two every day gazing in fascination at this window into a community that was creating itself right in front of my eyes. Although the system was only a few months old, the air of camaraderie and pioneer spirit was evident among the regulars. (...) By the time I had been esconced in the WELL for a year, it seemed evident to me that the cultural experiment of a self-sustaining online salon was succeeding very well. At that point, as I was becoming convinced that we were all setting some sort of cultural precedent, I interviewed online (...) part of the original group that founded the WELL. (...) they invited a lot of different people, gave them free accounts, called them "hosts," and encouraged them to re-create the atmosphere of a Paris salon—a bunch of salons.

Anteriormente, Rheingold já havia citado:

Hosts are the people who serve the same role in the WELL that a good host is supposed to serve at a party or salon—to welcome newcomers, introduce people to one another, clean up after the guests, provoke discussion, and break up fights if necessary.

O convívio gera o que Rheingold chama de “*living encyclopedia*”: a diversidade de informações possível de ser gerada a partir da diversidade de pessoas e das associações construídas a partir delas. A proposta de Rheingold é que o ciberespaço se estrutura *a partir* deste excesso - que nada mais é do que a consequência de uma fértil vida em grupo. É importante frisar que a informação é encarada como a produção material social de uma dada comunidade e não o refugio mercantil de alguma indústria cultural.

Tal conjunto de informações cedo ou tarde vai necessitar de formas de organização. Um exemplo de seu texto é particularmente ilustrativo:

Early in my history with the WELL, I was invited to join a panel of experts who advise the U.S. Congress's Office of Technology Assessment (OTA)... I'm not an expert in telecommunications technology or policy, but I do know where to find a group of such experts ... Before I went to Washington ... I opened a conference in the WELL and invited assorted information freaks, technophiles, and communications experts to help me.... An amazing collection of minds flocked to that topic... By the time I sat down with the captains of industry, government advisers, and academic experts at the panel table, I had more than two hundred pages of expert advice ... In my profession I have found the WELL to be an outright magical resource. An editor or producer or client can call and ask me if I know much about the Constitution, or fiber optics, or intellectual property. "Let me get back to you in twenty minutes," I say, reaching for the modem.

Surge daí um contrato social de reciprocidade no qual é a cooperação entre indivíduos que permite que se usufrua do patrimônio da *virtual community*. Rheingold, na constituição de seu enquadramento específico de memória, reutiliza um velho argumento de que todas as instituições humanas devem possuir regras específicas para se manter, de forma que o

convívio em sociedade seja possível a partir de um consenso em torno de certos pressupostos básicos que garantam a solidariedade do sistema. Cientes deste acordo, os homens se associam dentro de um espírito que assegure a manutenção de certos interesses coletivos satisfatórios para todos os integrantes do mesmo espaço.

No caso específico da sociabilidade digital, a forma mais eminente do contrato é a manutenção da garantia de troca constante da matéria prima que sustenta o sistema: tratam-se de informações, prestadas mediante uma certa condição de serem retribuídas. Somente assim os conhecimentos inicialmente dispersos se tornam acessíveis: a partir do pacto coletivo de livre oferecimento destes saberes, que faz com que a questão de um possa encontrar a resposta de outro, da mesma forma que se faz com "dádivas".

Esta obrigação de dar e retribuir não é realizada, no argumento de Rheingold, a partir de uma racionalidade de perdas e ganhos. Não se trata de uma ação impessoal e direta, onde indivíduos com interesses complementares realizam transações com a intenção de satisfazer necessidades. Nem ao mesmo tempo pressupõe-se que tais agentes iriam se dispor a realizar escolhas e planejar suas ações de forma a que suas preferências sejam satisfeitas mediante acesso a conhecimentos mais proveitosos. O que entra em jogo não são escolhas face às circunstâncias, na medida em que seriam elas que permitiriam o cálculo da combinação da troca de forma a implementar compensações. Tal postura, descartada por Rheingold ao caracterizar a *Virtual Community* diria respeito a uma ação regida por certa lógica economicista, própria a outros tipos de relações, a saber aquelas que envolvem *mercadorias* (Braybrooke 1968, Schumpeter 1954).

O tipo de relação que Rheingold vislumbra no ciberespaço encara tais conhecimentos como elementos que, de forma usual, se apresentam na forma de presentes oferecidos livremente, sem intenções mesmo. Tais objetos demarcariam a instituição de determinados laços sociais, normalmente relações de estima e amizade. Este conceito de *dádiva* talvez possa ser melhor apresentado quando expandido a outras experiências de sociabilidade: por exemplo, as gentilezas da ajuda oferecida, ou do convite para festividades; o jantar preparado para família, a carona oferecida a um colega de trabalho, a rodada de bebidas paga a alguns amigos. Em todos os aspectos a relação que envolve tal troca material diz respeito a uma forma de vínculo estabelecido entre os indivíduos com a intenção de garantir a manutenção da sociedade no tempo e no espaço (Carrier 1995).

Assim, Rheingold parece afirmar que a chave do problema de seu contrato é menos a ação de sofisticados apetrechos tecnológicos do que a manutenção de laços sociais que façam a informação circular. Voltando novamente às palavras do autor:

The first software agents are now becoming available...but we already have far more sophisticated, if informal, social contracts among groups of people that allow us to act as software agents for one another...This informal, unwritten social contract is supported by a blend of strong-tie and weak-tie relationships among people who have a mixture of motives and ephemeral affiliations. It requires one to give something, and enables one to receive something.

Em alguns momentos, o autor chega até a esboçar uma associação entre pessoas e coisas em laços aparentemente indissolúveis: retornando ao seu texto, quando fala em “*knowledge trades*” refere-se também a “*communitarian places*”; quando aborda “*intellectual companionship*”, trata ao mesmo tempo de “*raw information*”, no sentido de que o acesso a um está invariavelmente ligado ao acesso ao outro. Algumas passagens mais tarde, porém, parte do ponto parece sumir:

Reciprocity is a key element of any market-based culture, but the arrangement I'm describing feels to me more like a kind of gift economy in which people do things for one another out of a spirit of building something between them, rather than a spreadsheet-calculated quid pro quo

Ou seja, o equilíbrio do contrato social retorna à dádiva considerada em sua forma pura, como se acontecesse a despeito da importância material. O que a postura de Rheingold retoma é uma divisão entre dois tipos de distinção da realidade muito influentes na nossa maneira de perceber o cotidiano: a separação entre ações puramente interessadas e outras puramente desinteressadas; entre mercadoria e dádiva de forma mais geral e, de modo ainda mais amplo, entre economia e sociedade, dois pólos eminentemente opostos cujas naturezas não se misturam, quase sobre a pena de que um possa macular o outro.

De um lado, aquele onde Rheingold se situa, existiria um tipo

puro de relação social, ou seja, um conjunto de mecanismos de criação e manutenção de vínculos pessoais, afetivos ou institucionais a despeito da realidade material. De outro, do qual o autor preza por se distanciar, haveria uma forma pura de relação econômica, a replicação de um sistema de produção organizado por um lógica de valor de uso e valores de troca, de escolhas pessoais guiadas de forma prática, racional e utilitária. Em termos de sociabilidade, a consequência são vínculos de relacionamento entre dois tipos de pessoas: algumas próximas e outras nem tanto: a respeito da dádiva, o contato desinteressado com indivíduos do círculo pessoal; na trilha da mercadoria, a relação com o ambiente impessoal, centrado em opções a partir de interesses idiossincráticos.

A perspectiva que o autor adota, é apresentada na expectativa de construção de uma estrutura de relacionamentos guiada por laços que contrapõem relações pessoais da *Web* às duras organizações econômicas, jurídicas e políticas existentes na vida cotidiana. Tal postura é evidenciada no famoso *all powerfull love* de Rheingold.

When one of those online brouhahas happened and people started choosing sides and unkind words were being said, Tex and I often walked in the hills above Sausalito and talked about how and why onlife life can become unpleasant and how to make it work. We kept concluding that simple, corny, all-powerful love was the only way to make a community work when it is diverse, thus guaranteeing friction, and at the same time committed to free expression, which can and does get out of hand

O que poderia ficar para trás é a idéia de que dádivas poderiam não ser opostas às mercadorias, que interesse poderia não estar oposto à desinteresse, que ideologia da dádiva pura não seguiria sempre paralela à do mercado puramente utilitário. Dentro de uma certa dicotomia que separa o puramente econômico do puramente social, Rheingold se coloca ao lado de uma perspectiva na qual o livre oferecimento do patrimônio da comunidade seria somente um reificador de relações de afinidade sem pretensão. No polo oposto, que o autor tenta excluir de seu enquadramento de memória e identidade, em relação a uma certa “tradição” de sociabilidade para a *Web*, dar-se-ia um tipo de vínculo entre indivíduos onde se considera que interesses individuais são passíveis de serem quantificados e, assim sendo, negociados.

Conclusão

Tentamos abordar o texto de Rheingold como um lugar de construção de memória em torno da sociabilidade digital proporcionada pelas novas tecnologias. Percebemos que sua visão de mundo remonta a uma concepção ideológica recorrente em nossa cultura: a de que o cotidiano é composto por esferas de relacionamento opostas: o afetivo e o utilitário. Demonstramos, assim, como sua concepção em torno de um contrato social baseado em uma visão desinteressada de reciprocidade resulta em um enquadramento de memória influente em relação às organizações sociais provenientes de tais tecnologias.

Considerando assim o caráter arbitrário da descrição particular de Rheingold sobre um tipo de sociabilidade supostamente coletiva, percebemos a expansão de visões particulares em termos supostamente gerais, próximo a noção de “tradição inventada”. Tal postura é perceptível na recorrência que sua concepção sobre comunidade possui na compreensão usual sobre Internet. Em grande parte, as descrições que remetem a concepção rheingoldiana levam a sério a idéia sobre o coletivismo de suas associações comunitárias, seja para endossá-las, seja para criticá-las.

O que usualmente parece não ser considerado é abordagem a tal autor como o que ele realmente é: em seu texto, Rheingold chega mesma a tentar se apresentar como um misto entre informante nativo e cientista social não credenciado; porém, sua atitude pende na grande maioria das vezes mais para o primeiro extremo e menos para o segundo. Demonstrar tal aspecto de seu relato foi o objetivo que buscamos alcançar com este texto, apontado as estratégias de enquadramento pelas quais se torna justificável uma certa visão idealizada sobre as suas assim chamadas comunidades virtuais.